

cadernos
de estudos
leirrienses

13

LEIRIA
SETEMBRO DE 2017





Título: **CADERNOS DE ESTUDOS LEIRIENSES – 13**

Editor: Carlos Fernandes

Coordenador Científico: Saul António Gomes
(Professor Associado com Agregação do Departamento de História, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

Conselho Consultivo: Isabel Xavier, J. Pedro Tavares, Luciano Coelho Cristino, Mário Rui Simões Rodrigues, Miguel Portela, Pedro Redol e Ricardo Charters d’Azevedo

Coordenador do Especial Alvaiázere: Mário Rui Simões Rodrigues

Colaboração no Especial Alvaiázere: AL-BAIÃO – Associação de Defesa do Património e Município de Alvaiázere

Concepção e arranjo da capa: Gonçalo Fernandes

Colecção: CADERNOS – 13

©Textiverso

Rua António Augusto da Costa, 4
Leiria Gare
2415-398 LEIRIA - PORTUGAL
E-mail: textiverso@sapo.pt
Site: www.textiverso.com

Revisão e coordenação editorial: Textiverso
Montagem e concepção gráfica: Textiverso
Impressão: Artipol
1.ª edição: Setembro 2017
Edição 1192/17
Depósito Legal: 384489/14
ISSN 2183-4350

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

**ACRESCENTOS A... um longo ataque
de melancolia mansa...
Correspondência e Autógrafos (1909-1945)
de Afonso Lopes Vieira a Artur Lobo de Campos**

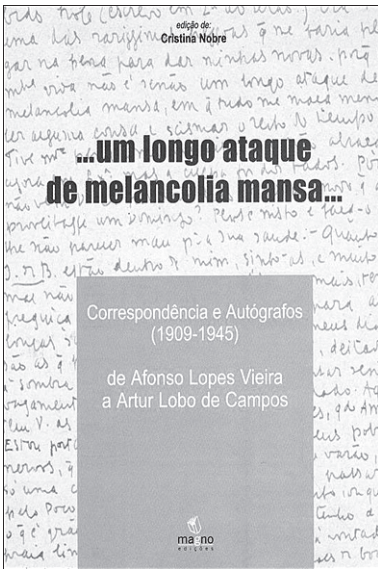
Cristina Nobre*

Em 2001, quando a Câmara Municipal de Leiria me pediu para fazer a transcrição e o estudo da correspondência inédita de Afonso Lopes Vieira [ALV] dirigida a Artur Lobo de Campos [ALC] – núcleo adquirido pela edilidade e constituído por 123 postais e 15 cartas, assim como 8 autógrafos do poeta na posse do amigo ALC – deixei registadas dúvidas de vária ordem no *Posfácio* com que se fecha a edição.

Roubei uma expressão frequente do poeta, nessa escrita epistolar íntima, para intitular o volume: *...um longo ataque de melancolia mansa... Correspondência e Autógrafos (1909-1945) de Afonso Lopes Vieira a Artur Lobo de Campos*. Logo nas primeiras páginas do *Posfácio* (Nobre, 2001: 130-163), procuro refletir sobre a importância patrimonial deste legado, restituído ao público e à rede de investigações futuras, deixando pairar a minha inquietação com a incompletude do corpo alcançado:

[...] o que era pontual passa a ser entendido como um todo perene. De algum modo, quem cria este novo objeto é o investigador que faz o trabalho editorial, decifrando, ordenando, transcrevendo, por vezes também analisando as várias missivas dispersas às quais imprime uma unidade, deste ponto de vista, ficcional. Obviamente que o novo texto, assim criado, só pode ser lacunar, já que raras serão as correspondências integrais – há sempre missivas em falta e datações hipotéticas. [...] (Nobre, 2001: 131)

* Professora coordenadora de Literatura Portuguesa da ESECS do IPL.



Efetivamente, durante o ano de 2012, o engenheiro Ricardo Charters de Azevedo teve a amabilidade de me dar a conhecer 5 postais e 3 cartões de ALV a ALC, por si adquiridos, que completam o volume de 2001, ajudando a preencher algumas lacunas, então presentidas. Daí a resolução de fazer uma transcrição desse pequeno acervo, inédito até agora, abrindo-o com um índice em que os textos epistolares¹ são colocados em relação com os textos da edição de 2001, para que uma leitura mais completa possa vir a ser feita e a investigação beneficie com mais uma fatia do todo.

Quanto aos três primeiros cartões, não datados, julgamos que a utilização dos carimbos da espiga de trigo e da rosa, bem como da casa de S. Pedro, indicam que serão dos mais antigos desta série, datáveis da fase de restauros que o Poeta fez à sua habitação de S. Pedro de Moel, como já tivemos ocasião de referir em estudo anterior (Nobre, 2010: [3-12]):

[...] Enquanto habitou a Casa, o escritor fez dela um verdadeiro estaleiro de experiências estéticas, decidido a transformá-la naquilo que descrevera ao seu amigo de infância, Artur Lobo de Campos, como um *ninho de artistas* (Nobre, 2001: 21). Preocupado com todos os pormenores estéticos da existência, ao ponto de fazer de si mesmo o mais cuidado exemplo da natural artificialidade de se apresentar em público — *esteta de si mesmo* (Nobre 2003a, 2005, 2005a) que não hesita em se fazer retratar por Eduardo Malta como um *aristocrata popular*, vestido com uma camisa de pescador da Nazaré mas de monóculo no perfil aristocrático, o derradeiro e *escandaloso esteta* — Afonso Lopes Vieira encontrou na casa o instrumento criativo mais longevo e duradouro para fazer permanecer as suas idealizações artísticas. Em articulação com as várias fases da sua obra literária e em aproximação com os seus

¹ Dados (pelo próprio destinador ou através do carimbo do correio - nesse caso a data aparece entre parêntesis) ou datáveis (através de referências epistolares que permitem ao investigador cruzar dados; não sendo a datação segura, aparecem entre parêntesis retos).

programas de acção cultural activa, foi colando à casa, como poemas na pedra, sinais inequívocos das suas opções estéticas, marcando assim o sucesso de algumas obras ou assinalando os motivos da sua predilecção. [...] (Nobre, 2010: [5])

Assim, julgamos que a referência aos azulejos azuis, no cartão 1, remete para a primeira década do século XX, quando a preocupação com as obras de restauro da casa foi uma constante para o poeta e o amigo ALC servia de intermediário. O mesmo se poderá afirmar relativamente ao interesse do poeta com a fotografia, constante nesses anos inaugurais², bem como a amizade com o casal Augusto e Leonor Rosa. Veja-se o que dissemos sobre esse período de tempo:

[...] No ano de 1909 uma fase importante de obras decorreu, tendo ficado registada na correspondência trocada com o seu amigo Artur Lobo de Campos (1884-1949). No Verão desse ano uma febre de renovação levou à colocação das ombreiras nas duas janelas exteriores da fachada poente (Nobre 2001: 21-23), do painel 'Camões de coroa de espinhos', no mesmo alçado (Nobre 1999: 300), e, por aproximação com a mesma fábrica de azulejos, a Arcolena, de Coimbra, muito provavelmente também o registo de N.^a Sr.^a do Monte, na parede sul interior do quarto de dormir. Lopes Vieira registava a sua devoção pelo escritor máximo da língua portuguesa, transformando-o em padroeiro da casa, bem como a devoção quase supersticiosa à Santa que lhe tinha servido de madrinha de baptismo, no distante ano de 1878, e que o acompanhou sempre ao longo da vida, até o guardar no jazigo do cemitério dos Prazeres, em Lisboa, onde estão os restos mortais do escritor (Nobre 2003: 93-95). As cercaduras da janela estão em estreita ligação com a obra produzida na época, misturando os motivos das rosas com as espigas de trigo, numa clara alusão ao livro *O Pão e as Rosas* (1908) e em tudo inspiradas nos frontispícios das suas obras da mesma época, como as *Rosas Bravas* (1911). Esta etapa deve ler-se como o estrato primeiro da transformação da Casa num *lugar literário*, através dos azulejos como revestimento de decoração. [...] (Nobre, 2010: [6])

² O interesse e a produção de ALV na fotografia artística, ficará registada em dois artigos de 1909, "Photographia Moderna — com clichés inéditos do auctor" e "(Post-sriptum)" in *Ilustração Portuguesa*, pp. 756-60 e 792.

No entanto, o cartão 2 pode já ter a ver com a segunda fase que identifiquei, embora a simples alusão aí feita à Nau seja insuficiente para lhe dar um registo cronológico:

[...] Em 1916 encontra-se documentado o segundo estrato. Desta leva acrescentou o painel de azulejos da 'Nau Catrineta', no exterior, na fachada poente, por baixo da varanda, e as sobrepostas com as esferas armilares nas duas portas interiores da varanda, ao estilo sebastianista (Nobre, 1999: 300-301). Aquilino Ribeiro estabeleceu a ligação com os emblemas marítimos da esfera armilar e da cruz de Cristo, do Convento de Tomar (Ribeiro, [1949]: 292) e é bem provável que o Palácio de Sintra, onde existem os únicos exemplares em azulejo da esfera armilar (Pereira, 1991: 20), tenha servido de modelo ao escritor. Também estas remodelações se ligam intimamente à sua obra poética, sobretudo a Ilhas de Bruma (1917) e à temática marítima aí glosada, em que o motivo da nau catrineta aparece já, mas que irá continuar a ser glosado nas obras posteriores como País lilás, desterro azul (1922) e Onde a terra se acaba e o mar começa (1940). [...] (Nobre, 2010: [6])

O cartão 3 faz referência a uma conferência de ALV, muito elogiada pelo amigo, e embora os dados referenciais sejam muito poucos, coloca-se a hipótese de ser a primeira conferência pública, realizada em 1910, [PPP] *O POVO E OS POETAS PORTUGUESES*, conferência lida pelo autor no teatro D. Maria II em 12 de janeiro de 1910, depois impressa pela Tipografia "A Editora", de Lisboa.

No postal 4, datado de 4 de julho de 1910, a ser reposicionado entre os postais 12 e 13 de *...um longo ataque de melancolia mansa...*, refere-se à autoria da capa do seu livro (ou *O Pão e as Rosas* (1908) ou *Canções do Vento e do Sol* (1911)) pelo amigo arquiteto Raúl Lino, com quem manteve sempre uma ligação de grande amizade e convivência. Esta colaboração manter-se-á nas obras infantis, de que as filhas de Raúl Lino são as leitoras idealizadas. No postal são visíveis as suas opções estéticas e o cuidado com todos os objetos que acompanham a escrita, bem como os conselhos a ALC para aproveitar o 'tédio cidadão', provocado pelo verão e pela política, na dedicação ao estudo. Identificámos Lourenço Chaves de Almeida, o ferreiro de arte de Coimbra, por apresentar verosimilhança com as preocupações de ALV à data:

[...] A sua sensibilidade levava-o a rodear-se e a servir-se de todos os materiais que fossem portugueses, numa simbiose entre a sua *poiesis* e o seu

entusiasmo com a decoração do lar. Assim, há todo um culto do artesanato português a par do aproveitamento dos materiais da natureza envolvente, na decoração do interior da Casa, desde os ferros de Coimbra e as cerâmicas das Caldas da Rainha, até às chitas de Alcobaça e às flores, conchas e búzios da praia, destroços trazidos pelo mar, objectos transformados pela natureza em arte, numa metamorfose sem fim. [...] (Nobre, 2010: [5])

No postal 5, datado pelo carimbo do correio de 12 de setembro de 1913, a ser reposicionado entre os postais 22 e 23 de *...um longo ataque de melancolia mansa...*, refere-se ao volume *Campanha Vicentina*, que será publicado em 1914, e à conferência de 1913, em Alcobaça, *Inês de Castro na Poesia e na Lenda*, que sairá em edição de autor e sem data.

O postal 6, datado pelo carimbo do correio de 11 de setembro de 1914, a ser reposicionado entre os postais 26 e 27 de *...um longo ataque de melancolia mansa...*, mostra bem o adensar dos tempos da Guerra de 14-18, e como o ambiente artístico se começava a ressentir. Com todas as probabilidades o pedido de Columbano teria algo a ver com uma subscrição para as tropas portuguesas, e a referência ao anonimato com que ALV terá respondido, enquadra-se perfeitamente no perfil do homem de ação, figura pública do seu tempo, conservando sempre a humildade. O poema sobre o cão deve estar relacionado com algum pedido feito por uma senhora das suas relações, já que o gosto do escritor com os cães era sobejamente conhecido por todos e no postal de 8 de setembro de 1914, contava a ALC da nova 'aquisição':

[...] Tenho agora uma cadelinha linda, puro sangue, do melhor; chama-se *Salomé* e é de raça cock spaniel, preta. Apresentá-los-ei qdº V. cá vier. [...] (Nobre, 2001: 33)

O postal 7, datado pelo carimbo do correio de 29 de agosto de 1915, a ser reposicionado após o postal 44 de *...um longo ataque de melancolia mansa...*, indicia o seu interesse pelo Orfeão de Condeixa, que pretende levar em setembro às Caldas da Rainha, para dar um concerto, no parque do visconde de Santarém. No ano seguinte, em 1916, este interesse pelo canto coral e por este orfeão resultará na conferência *O Canto Coral e o Orfeon de Condeixa*, realizada em 9 de fevereiro no Teatro da República em Lisboa.

O postal 7, datado de 26 de agosto de 1920, a ser reposicionado após o postal 49 de *...um longo ataque de melancolia mansa...*, evidencia um período da vida do escritor em que deve ter sofrido alguns revezes financeiros, o

que se reflete na sua indisposição - *Tenho passado mtº pouco bem disposto, sem paciência para me aturar mesmo a mim em certas ocasiões!* -, e indicia a pouca ligação com questões meramente comerciais, pois para ele nunca a escrita literária teve esse fim.

Algumas das reflexões, feitas por mim em 2001, mantêm-se válidas para este parco conjunto epistolar, vindo fortalecer as ilações então feitas:

[...] Em 1916, 1917 e 1918 não há, inexplicavelmente, qualquer troca epistolar. Consequências da Guerra 14-18 e da crise depressiva que afectou ALV, ou simples resguardo do destinatário pelo teor demasiado íntimo das missivas? As mesmas interrogações se podem fazer para os anos de 1920, 1921 e 1922, pouco ou mesmo nada representados. [...] Pensamos de novo na hipótese de uma selecção que tenha censurado este período de tempo pelo conteúdo potencialmente problemático. Se assim for, é ainda admissível a esperança de poder vir a estreitar este e outros fossos aqui detectados. [...] (Nobre, 2001: 133)

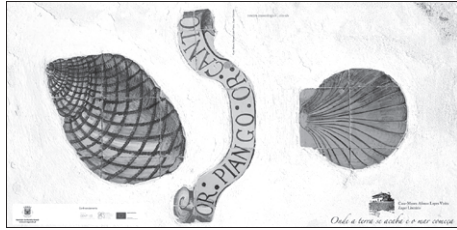
A expectativa é que estes breves apontamentos e a transcrição dos oito textos epistolares possam ser um contributo para essa tarefa intermitente, porém necessária para a memória patrimonial.

REFERÊNCIAS

- NOBRE, Cristina (1999) "O espírito literário da Casa de S. Pedro" in *Actas do III Colóquio sobre a história de Leiria e da sua região*, II vol., Câmara Municipal de Leiria, Leiria, pp. 289-307.
- NOBRE, Cristina (2001) *...um longo ataque de melancholia mansa... Correspondência e Autógrafos (1909-1945) de Afonso Lopes Vieira a Artur Lobo de Campos*, Magno edições e Câmara Municipal de Leiria, Leiria, ISBN: 972-8345-36-4, 166pp.
- ____ (2003) *Passeio Sentimental de Afonso Lopes Vieira*, Rota dos Escritores do século XX, Câmaras Municipais de Leiria e Marinha Grande, Comissão de Coordenação da Região Centro, Coimbra.
- ____ (2003a) "Os Lugares da Escrita em Afonso Lopes Vieira" in *Lugares da Escrita. 22 Novembro 2003 / 22 Janeiro 2004*, Catálogo da Exposição da Rota dos Escritores do Séc. XX, Pavilhão Centro de Portugal, Coimbra, pp. 19-23.
- ____ (2005) *Afonso Lopes Vieira. A Reescrita de Portugal*, vol. I e *Inéditos*, vol. II, col. temas portugueses, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2005.

____ (2005a) "O esteta de si-mesmo. Afonso Lopes Vieira" in Revista *Clube do Coleccionador*, CTT Correios de Portugal, Lisboa, Junho 2005, pp. 4-6.

NOBRE, Cristina (2010) "A Casa como Lugar Literário" in *Onde a terra se acaba e o mar começa*. Roteiro Museológico da Casa-Museu Afonso Lopes Vieira. Lugar Literário, CM-M^a Grande, mais centro-PORC, QREN, EU, ISBN: 978-972-98049-5-3, pp. [3-12].



PEREIRA, J. C. Branco, 1991 "L'azulejo au Portugal. Renouveau et permanence" in *Azulejos*, Bélgica, Europalia 91: pp. 19-29.

RIBEIRO, Aquilino [1949] "Afonso Lopes Vieira e a Evolução do seu Pensamento" in *Camões, Camilo, Eça e alguns mais [...]*, Lisboa, Liv. Bertrand: pp. 271-335.

VIEIRA, Afonso Lopes, 1908, [PR] *O Pão e as Rosas*, ed. Liv. Ferreira, Lx.

____ 1911, [CVS] *CANÇÕES DO VENTO E DO SOL*, typ. "A Editora", Lx.

____ [1913] [ICPL] *Inês de Castro na Poesia e na Lenda*. Conferencia realizada no Mosteiro de Alcobaca (em a noite de 17 de Agosto de 1913), seguida do soneto dos tumulos, por Afonso Lopes Vieira, ed. do autor, sd.

____ 1913, *O SONETO DOS TUMULOS*, Escrito por A.L.V., recitado por Augusto Rosa junto dos tumulos de Dom Pedro e Dona Inês de Castro no Mosteiro de Alcobaca. Noite de 17 de Agosto, folh. de 4 pp..

____ 1914, [CV] *A CAMPANHA VICENTINA*, ed. Limitada, Lx., Páscoa.

____ 1916, *O Canto Coral e o Orfeon de Condeixa*. Conferência realizada no Concerto do Orfeon, no Teatro da República em Lisboa, Lx..

CORRESPONDÊNCIA PARTICULAR de ALV para:

Artur Lobo de Campos, Chiado, 48 s/l – Lisboa | R. Maria Andrade, 36 – Lisboa | Almas - Buçaco: **5 postais (1910-1920) e 3 cartões (n/d)**

ÍNDICE:

1. n/d

2. n/d

3. n/d

4. **4 julho de 1910 (entre o 12. e o 13. de ... um longo ataque de melancolia mansa...)**

5. n/d (12 setembro 1913) (entre o 22. e o 23. de ... *um longo ataque de melancolia mansa...*)

6. n/d (11 setembro de 1914) (entre o 26. e o 27. de ... *um longo ataque de melancolia mansa...*)

7. n/d (29 agosto de 1915) (depois do 44. de ... *um longo ataque de melancolia mansa...*)

8. 26 agosto de 1920 (depois do 49. de ... *um longo ataque de melancolia mansa...*)

1. **Cartão** [11,4cm x 9cm, postal com carimbo da espiga de trigo e rosa, no canto superior esquerdo, escrito a tinta preta, no sentido horizontal, frente e verso], **não datado e sem carimbo do correio**, sem destinatário explícito.

Meu Caro Amigo:

A sua carta deu-me um grande prazer, e V. é o mais amável dos moços lusos. Fiquei tranquilo com respeito ao homem, q. é, de resto, uma boa pessoa e prestável, cuja mulher trabalha cá em casa. Abraço-o pois pela sua bondade.

Recebi hoje os azulejos, q. me satisfazem, embora o azul não seja o desejado, como V. viu. Mas creio q. darão bom efeito quando / colocados, o q. se fará por estes dias.

Peço-lhe q. satisfaça V. o preço, e ainda por esta sua intervenção, - muitas graças! Tenho o interesse sincero q. V. sabe em o ver aqui, e oxalá o tempo ajude a nossa bôa vontade. Tenho feito optimas coisas em fotografia. Mas a *Soror* [Leonor de Castro Guedes Rosa], essa, nem uma linha – o q. me entristece.

Desejo-lhe optima saude e disposição.

Avise-me do dia em q. chegarão.

Grande abraço do

Affonso

2. **Cartão** [11,4cm x 9cm, postal com carimbo da da casa de S. Pedro, no canto superior esquerdo, escrito a tinta preta, no sentido horizontal, frente e verso], **não datado e sem carimbo do correio**, sem destinatário explícito.

Querido Amigo:

Ahi vão os exemplares – com muito gosto mandados.

Combinado fica q. pelo frio acertaremos o encontro de amanha.

Acho delicioso q. o seu Alipio saiba a linda Nau! Irá dizê-la depois para a terra – e assim contribuirá para o renascimento da poesia tradicional portuguesa! Só V. era capaz de um milagre de estes: fazer de um / impedido – um tropeiro!

Nossos melhores cumprimentos às Senhoras. Para V. um estreitíssimo abraço do

Affonso



3. Cartão [11,4cm x 9cm, postal com carimbo da casa de S. Pedro, no canto superior esquerdo, escrito a tinta preta, no sentido horizontal, frente e verso], **não datado e sem carimbo do correio**, sem destinatário explícito.

Querido Amigo:

Convenço-me de q. a impressão da conf. foi boa – mas V., se eu não estivesse prevenido – era capaz de me dar volta à cabeça com as palavras, sinceríssimas mas exageradíssimas!, q. me diz! Ah! V. é q. é um poeta – um poeta da amizade como não sei de outro! / Encontrar-nos-emos das 6 ½ para as 7 na Livr. Ferins [?], se V. quiser. E jantaremos juntos.

Nossos melhores cumprimentos às Senhoras de essa boa casa.

Para V., *padrinho da conferencia*,
um estreito e forte abraço do

Affonso

4. Postal [14cm x 9cm, bilhete postal dos CTT, com emblema da coroa portuguesa com as 5 quinas; escrito a tinta preta, no sentido horizontal, na frente, e vertical, no verso], **datado de 4 julho 1910, com carimbo do correio de 5 julho 1910**, dirigido a “Senhor / Arthur Lobo de Campos / R. Maria Andrade, 36 / Lisboa”.

Ainda hoje não posso passar do *postalzinho*, caro Amigo, e escrito com pena de pato – únicas q. em certos dias me não desagradam. Estimei deveras a sua carta. Vejo q. V. está um pouco neurastenizado pela capital, o q. não admira, dada a sua sensibilidade infinitamente superior à grossaria do meio, q. no verão, e ainda por cima com tanta política, refina. – Eis uma época excelente para V. se recolher, ler, estudar..., para habituar-se a ter umas horas do dia absortas de este modo. – Quer crer q. não escrevi ainda nada do q. tenho esboçado? E isto dispõe-me pouco bem, como V. compreende, dado q. percebo q. *não posso*. *Elles* não querem agora. Esperarei q. queiram. Por isso lhe não mando nada, caro Amigo. Estou com medo de receber o jornal da M., supondo q. elle será um fracasso a mais entre tantos do genero.

Tive uma carta da Alb., sempre mt^o amavel, coitada. Mas q. tarefa terrivel, conseguir um *aspecto* interessante de uma revista de esse género! Teria ella conseguido? Duvido. Oxalá ella não tenha sido exagerada de mais no q. disser de mim, como fez nos *Serões*, o q. me des- / gostou como sabe. – Ao Lourenço [Chaves de Almeida?] dê os meus parabéns, quando o vir. É verdade, uma boa notícia: o Raul Lino fez-me uma linda vinheta p.^a capa de livro, q. servirá para todos... se alguns mais saírem.

V. faz-me imensa falta também, acredite. Quando faz aqui uma visita, embora rápida? Abraço do.

Affonso

4. Julho.10

5. Postal [14cm x 9cm, bilhete postal dos CTT, com esfera armilar; escrito a tinta preta, no sentido vertical, frente e verso], **não datado, com carimbo do correio de 11 e 12 setembro 1913**, dirigido a “Senhor / Artur Lobo de Campos / R. Maria Andrade, 36 / Lisboa”.

Estimei muito a sua carta, embora a achasse assás diplomática, e q. V. regressasse sem feridas da terrível campanha algarvia. Ainda hoje falei de V. à Alb.[ertina] na carta q. lhe escrevi, e comparava-o a um heroe de chaves! – Eu por cá vou indo e é possível q. me demore até princípios do mês q. vem se houver bom sol q. me compense das terríveis chamadas das ultimas semanas. Os Rosas foram felizmente de optima saúde, e V. compreende q. eu tinha sempre receio com a saúde da D. Leonor. Fizemos optimos serões com leituras clássicas, tendo o Aug.[usto Rosa] lido um sermão do padre Vieira.

Tenho interesse de saber como correm as suas pretensões ao professorado etc. Mas V. escreve apressado e reservado! Brevemente lhe farei um pedido para me comprar e enviar uma coisa, mas não agora para V. não pensar q. lhe / escrevo só interesseiramente! Estou revendo provas da *Campanha* e vê-las-ei breve da conferencia de Alcobça.

Diga alguma cousa.

Nossos cump. às Senhoras. Abraço-o.

A.

noite de 6^a.

6. Postal [14cm x 9cm, bilhete postal dos CTT, com esfera armilar; escrito a tinta preta, no sentido vertical, frente e verso], **não datado, com carimbo do correio de 11 setembro 1914**, dirigido a “Senhor / Arthur Lobo de Campos / R. Maria Andrade, 36 / Lisboa”.

Querido Amigo: Continuo a gostar das suas noticias porq. me dão a impressão de q. já está muito melhor – e é isso q. do coração desejo. – Já V. quer o poema do cão! Sinal certo de melhoras. Pois fica prometido para qdº V. sair de casa e o possa levar à possuidora do famoso bicho. – Hoje estive bastante atacado de melancolia, o q. de resto é vulgar acontecer. Estive todo o dia só na varanda porq. a solidão aquieta-me e ajuda-me a viver. Imagine q. o Columbano mandou-me pedir p^a eu escrever a carta q. acompanhará a contribuição dos artistas portugueses p.^a a Subscrição francesa. Vou mandar essa prosa, com a recomendação de não revelarem q. é minha, mas guarde também segredo. – Sabe q. o Aug.[usto] Rosa tem mtº adiantado o livro de Memorias dêle? E será um interessantíssimo volume, pode crer. Até como prosa é bem feito, o q. é tam raro entre portugueses. Trará uma carta-

prefácio minha e ilustrações curiosas. – De mim, nada p^a contar, pelo menos agora. P.^a o fim do mês irei a Alcobaça e ouvirei tocar na igreja à noite o quarteto q. eu inventei. Hoje mando-lhe recordações de uma admirável coisa... q. não se fez! A mh^o sina é levantar quimeras, vê-las rebrilhar um instante e depois ficar / tudo em cinza. Assim foi Gil Vicente. Assim será Alcobaça? É possível. Adeus, querido Amigo, desejo de todo o coração as suas melhoras completas. Os melhores cumprimentos às Senhoras.

A.

noite de 10, mar bravo

7. Postal [14cm x 9cm, postal com carimbo da casa de S. Pedro, no canto superior esquerdo, no verso, e espiga de trigo e rosa, no canto superior esquerdo, na frente; escrito a tinta preta, no sentido vertical, só na frente], **não datado, com carimbo do correio de 28 de agosto 1915**, dirigido a “Senhor / Arthur Lobo de Campos / Almas / Buçaco”.

Qd^o Amigo – escrevi-lhe já para ahi e V. diz q. silencio é este? Tambem escrevi à Albertina para ahi, agradecendo-lhe o q. ela amavelmente me mandou. Peço-lhe lhe diga isto mesmo porq. me custa q. ela seja outra a q. lhe não respondi. – Quanto a mim, tenho tido umas preocupações de *varia especie*, e à vista falaremos. Estou mt^o precisado de palestrar largamente com V., e isso faz-me abrir agora bem aos nervos. Na noite de 12 de setembro promovo um concerto no parque do visconde de Sacavem, nas Caldas, com o Orfeon de Condeixa. Não pode ir? Mando-lhe grandes saudades e um abraço forte. Respeitosos cumprimentos. Do

Affonso

8. Postal [14cm x 9cm, postal com carimbo da casa de S. Pedro, no canto superior esquerdo no verso, e espiga de trigo e rosa, no canto superior esquerdo, a que se sobrepõe ex-libris *or piango or canto*, a roxo, na frente; escrito a tinta roxa, no sentido horizontal, só no verso], **datado de 26 de agosto de 1920 e com carimbo do correio de 27 e 28**, dirigido a “EXm^o Senhor / Arthur Lobo de Campos / Chiado, 48 s/l / Lisboa”.

26-8_XX

Querido Amigo – foi preciso q. houvesse recitação p.^a V. me mandar letras q. se vissem! Parabens mas é a V., q. consegue esquecer as tristezas da vida, com uma poesia de farinha Nestlé como aquella de q. me fala. Agradeço-lhe mt^o mas com efeito interessa-me mediocrementemente o successo – q. lhe pertence todo, repito. Eu conto brevemente ir passar uma semana às Caldas, por necessidade de tratamento (não meu). Tenho passado mt^o pouco bem disposto, sem paciencia para me aturar mesmo a mim em certas ocasiões! Além d'isso estou bastante arruinado de finanças e um pouco do fígado. Apesar do ar de brincadeira, a sério q. passo pouco bem. Escrevendo-lhe dou-lhe uma boa prova de amizade, creia. E as perguntas q. lhe fiz? Abraço-o como amigo fiel

Affonso

Homenagem póstuma ao professor Lobo de Campos

LEIRIA, 19—(Pelo telefone)—Na casa onde viveu o poeta leiriense Artur Lobo de Campos, na povoação de Barrosa, foi hoje descerrada uma lápida de homenagem. A' cerimónia do descerramento assistiram vários amigos do extinto poeta, autoridades leirienses e outras pessoas, além da comissão organizadora, constituída pelos srs. dr. Francisco Cortês Pinto, dr. Pereira de Matos, coronel Cardoso dos Santos, dr. Alfredo de Carvalho, dr. Américo Cortês Pinto, dr. João Pereira Dias e dr. França de Sousa.

Usaram da palavra os srs. coronel Cardoso dos Santos e dr. Pereira de Matos, que falaram, respectivamente, em nome dos amigos do poeta e da comissão organizadora.

Antes, às 12 horas, foi rezada missa na Sé de Leiria, á qual assistiram várias pessoas.

Aos pobres da Barrosa foi oferecido um bode, pela viuva do poeta, sr.^a D. Maria Lobo de Campos

D. L. n.º 10.912, 19-04-1953, p. 15